

JUNTA DA PROVINCIA DA BEIRA LITORAL

Secretaria Geral

Exm^o Senhor

Administrador da Companhia Portuguesa de Cimentos

Branços

Rua do Instituto Industrial, 18 - 2^o

Caixa Postal 896

L I S B O A

Acuso a recepção da carta de V. Ex^{as}. nº 2075, de 11 de Outubro p.p., e do relatório que a acompanhava, a que passo a responder:

ALIMENTAÇÃO

PEQUENO ALMOÇO: Café "lotado" e nunca cevada, com leite e um pão "especial"; quantidade à discrição de café com leite e de pão "corrente". Era rara a criança que não bebia meio litro de café com leite; algumas bebiam 4 a 5 canecas (cada caneca = 2 dcls.).

ALMOÇO: Era sempre servida uma sôpa substancial: feijão branco, ou mistura, com hortaliça; grão de bico com massa. O prato era composto de feijão branco com toucinho e chouriço, ou bastante arroz e peixe - as quantidades suficientes para as crianças repetirem mais do que uma vez.

MERENDA: Um quarto de pão corrente com marmelada (cada pão corrente = 500 gramas).

JANTAR : Sôpa branca com hortaliça, batata, massa e azeite ou, sempre que se conseguissem em quantidade bastante, ossos de vaca. Prato: batatas, arroz, massa meada de 1^a guisada com carne, mas mesmo carne de vaca sem pele nem osso e em quantidade que permitia as crianças repetirem mais do que uma vez; nunca uma criança pediu do prato que se estava a servir, que não houvesse para repetir; o pão era sempre à discrição, comiam quanto queriam e às vezes até o estragavam.

Não é verdade que a alimentação não fosse bem confeccionada. Nunca entrou nas panelas feijão ou qualquer outro artigo que não estivesse dentro das regras da bôa hâgiene. A alimentação dos empre-

gostos da Colônia era igual à das crianças e, para todas as crianças era a mesma.

Nunca foi servido numa refeição um prato igual ao servido na refeição anterior e nunca os sobejos de comida dum dia foram servidos no dia seguinte.

A alimentação era abundante; as crianças comiam quanto queriam; assistimos, sobretudo nos primeiros dias, a esta coisa curiosa: havia crianças que comiam três vezes sôpa e repetiam duas e três vezes o prato seguinte. Mais de 80 % das crianças aumentaram de pêso o que prova o valôr da regime alimentar.

É possível que, num ou noutro dia, a comida estivesse menos saborosa ou que uma ou outra criança não gostasse dêste ou daquele prato. É evidente que não há serviço à escôlha e, por isso, aceito que uma criança, uma vez por outra, possa ficar mal alimentada.

Pregunto se, em nossas casas, não sucede, às vezes, a comida estar menos apetitosa ? ou se é estranho ficar-se mal alimentado porque se não gostou da ementia do dia.

Se o facto é possível nas nossas casas, cujos gostos são conhecidos, repetito, porque não há-de sêr possível na Colônia onde vivem mais de 1.500 pessoas em cada turno?.

Entendo que as crianças, nestas idades, cujo futuro é uma incógnita, devem ser educadas e habituadas a comer de tudo. Em minha casa nunca me foi permitido dizer não quero, não gosto...

FRUTA: Sabe-se que êste ano não houve fruta e a pouca que se encontrava era caríssima. Damos fruta uma vez por semana representando um encargo extraordinário, mas que mantivemos.

Convém não esquecer que passaram pela Colônia mais de 4.500 pessoas. De resto, não era a falta de fruta durante 15 dias que poderia ter qualquer acção nociva sobre a vida ou o desenvolvimento das crianças.

Atendendo é dificuldade, para não dizer impossibilidade de se conseguir, não me parece legítimo o reparo feito.

VESTUÁRIO

Qualquer criança recebe, à entrada, um calção com alças, um chapéu e um fato de banho; o fato que trazem das suas terras é

guardado e só fica, de seu, em uso, as cuecas e uma camisola interior se a possuírem e, se a não tiverem a Colónia fornece-a. A criança não volta a vestir, na Colónia, o seu fato.

Todos os sábados, à noite, é entregue às vigilantes um número de fatos lavados igual ao número de crianças à sua guarda e tanto que, no domingo, à hora da missa, não se vê uma criança com um fato sujo ou rôto. Além disso, sempre que uma criança apresenta um calção que não esteja em condições, nesse mesmo momento, é substituído. É corrente arrancarem os botões para jogarem o botão; outras vezes arrancam as fivelas.

QUEIMADURAS

Nem sempre é possível evitar as queimaduras; não são produzidas somente pelo calor, também podem ser produzidas pelos raios ultra-violetas da luz. A pele não apresenta em todos, a mesma sensibilidade; é frequente, na clínica particular, encontrarem-se crianças com essas queimaduras apesar do extremo cuidado e vigilância dos pais. E, no entanto, na Colónia empregaram-se vários produtos com o fim de evitar a acção directa dos raios solares, inclusive fizeram-se blusas de tecido, quasi transparente, no propósito de fazer a profilaxia destes accidentes.

VIGILÂNCIA

Além da vigilância diurna na pria, no campo de jogos, nos refeitórios, nos sanitários ainda é preciso uma fiscalização durante a noite porque travam-se, nos dormitórios, verdadeiras batalhas com as travesseiras, de cama para cama. Um turno, na vespera de sair, resolveu todo urinar na cama.

PESO

O registo ponderal das crianças dos Cimentos Brancos foi o seguinte:

NOMES	PESO	
	ENTRADA	SAIDA
Antonio Morato Cordeiro	16	17,5
Mário de Sousa Baptista	29	30

NOMES	PESO	
	ENTRADA	SAIDA
Joaquim Maria dos Santos Coelho	16,8	18
José da Silva Antunes	36,7	37
Joaquim da Silva Ribeiro	27,1	28
Edmundo Maria dos Santos Coelho	21	22,5
Armando de Oliveira Ribeiro	20,5	21,2
Manuel Cecilio Vieira	15	16,5
Amical Fernandes Coelho	23	24
Américo da Silva	22,9	24,6
Amaral de Sousa Figueiredo	23	24,6
Anibal Pereira Mourato	28,5	29
Antonio Barreira do Carmo	37	37,5
Antonio Ramos	22	23
Avelino Augusto Coelho	26	27
Carlos Alberto de Oliveira Silva	24	25,5
Arlindo Vicente do Carmo	23,1	25
Belarmino Ascenso Alexandre	22,2	23,5
Fernando Ribeiro de Sousa	27	28,5
Fernando Rosa Morgado	17,7	18,8
Florianio Assunção Alves	26,1	27
Francisco da Costa Pereira	18,3	20
Horácio Sousa Figueiredo	25,7	26
Jacob de Oliveira	33,2	34
Joaquim Ascenso Alexandre	28	30
Jaime Gomes Monteiro	24,7	26,3
Carlos Manuel Marques Oliveira	18,4	19,6
Alberto Felix Tavares	29,6	30
Abilio Augusto Coelho	24	25,3
José Cecílio	23	24,2
José da Costa Pereira	17,6	18,5
José Jacob Damazio	24,2	25,2
José Manuel Duarte Venancio-	21	22,6
José Manuel Felix Tavares	35	37,5
José Vicente do Carmo	16,7	17,5
Leonel Catarino	16,5	18,5
Antonio de Carvalho Ferreira	26,8	27,5

NOMES	ENTRADA	PESO SAIDA
Joaquim de Sousa Batista	23,7	25
Carlos José Ramos Calado	22	23
Levi Pereira Ferreira	29	30,4
Vitor Manuel Ferreira Castelhana	18	19,5
José Barreira do Carmo	29,5	30
José Ascenso Simões	21	22,4
José Antonio daSilva Ribeiro	22,6	23,6
José Antonio Ferreira de Oliveira	27,9	28,6
José de Almeida Bento	24,5	25,5
João Luiz Gomes de Jesus	22,5	23,7
João de Sousa Baptista	21,1	22
Joaquim Grilo Queimadas	29,5	30,8
Joaquim Duarte Coutinho	25	25,5
Manuel de Jesus Cardoso Guedes	26,4	27,5
Mário Gaspar Gracio	22	23,4
Manuel Catarino	21,5	23,1
Marcelino Cecilio Vieira	30	31,9
Olavo Mauricio Ferreira dos Santos	28,5	29,2
Paulo Branco de Sousa	23	24,8
Pedro de Oliveira da Silva	24,2	24,9
Rui Natividade Henriques	18,3	18,9
Vitor Amancio Gomes de Jesus	19,8	20,8
Licínio Fernandes Coelho	18,4	19,5
Manuel de Almeida Bento	31	32
Manuel Antonio Marques	20	20,5
Manuel da Costa e Silva	23,7	24,5
Diamantino Rosa Morgado	17,5	18,7
Eduardo da Costa e Silva	28,5	30
Fernando Maria do Céu Damazio	27,1	28,4
Alvaro Vieira Catarino	23,8	25,2
Antonio da Silva Roque	16,4	18
Antonio Maria dos Santos Coelho	24,1	25,3
Antonio Francisco de Oliveira Verdasca	14,2	14,9
Antonio Ascenso Alexandre	19,6	21

NOMES	PESO	
	ENTRADA	SAIDA
Antonio Cordeiro Moniz	28,5	29,9
Luciano da Silva Pedro	34,2	34,2
Maria da Luz Agostinho Pescada	16	16,3
Maria da Luz da Encarnação Pinheiro	18	
Maria Natália de Sousa Oliveira	20,6	21,1
Maria da Nazaré da Silva Ribeiro	16,8	18
Maria Odete de Jesus Guedes	32,8	34,4
Odete de Sousa Oliveira	23,5	25,4
Rosa Gouveia Guedes	15,8	17,1
Rosa Martins de Amorim	28,8	28,4
Rosária Marques dos Santos	21,9	23,4
Rosinda Marques dos Santos	13,7	14,4
Suzette Piedade Vieira	21,9	23,5
Maria Ascensão Carvalho Ferreira	22,7	23,9
Maria dos Anjos Ribeiro Dias	24	24,9
Maria Amália Carvalho Matos	19,2	20
Arminda da Silva Pedro	26	26,7
Benilde Ventura Figueiredo	34,4	36
Dulce Rodrigues Leandro	19,5	20,5
Maria de Lourdes Almeida Bento	21,8	22
Maria de Lourdes Ascenso Alexandre	23	24,2
Cremilde Gaspar Gracio	23,8	25
Maria de Lurdes da Silva Coelho	21	22,4
Maria Luisa de Almeida Bento	12,5	13,9
Cidália da Silva Vicente	20	
Celeste Encarnação Cordeiro	18	19
Maria Filomena de Jesus Monteiro	33	33,2
Amancia Cecília Pedro	20,7	21,5
Ana Maria Nazaré Ferreira	29	29,2
Adélia de Oliveira Amado	24,7	25,8
Alda Ferreira Fortes	40	42,2
Maria José A. Cavalho	27	28,4
Emilia dos Anjos Carreira	29,8	31,3
Maria Isolete Teodoro Cordeiro	21	22,3
Francelina Almeida Tomaz	18,7	19,2

NOMES	PESO	
	ENTRADA	SAIDA
Luisa Maria da Costa Pereira	23,5	24,2
Luciana dos Santos Cecilio	23,5	24,
Lubélia Ferreira Calado dos Santos	18,	19,6
Irene de Jesus Alves	17,5	18,5
Maria Filomena Amado Cecilio	22,8	23,6
Maria Fernanda Branca	24	25,6
Maria Helena Dias de Sousa Vitorino	26	26,6
Maria Graciete de Almeida Bento	30,8	32,1
Maria da Glória Carboila Calado	15,8	
Maria Irena da Costa e Silva	26,7	26,8
Irene da Conceição Domingos	27	28,4
Licinia Vicente da Silva	23,8	26
Maria Cremilde Duarte Venancio	16	17
Maria Alice Jesus Monteiro	38	38,400
Maria Adélia Bento Varina	27	27,8
Maria de Fatima Feliciano da Costa	20	21,5
Maria Eulália Rodrigues Pires	21,5	22,5
Maria do Ceu Jesus Ramos	27,3	29,6
Maria Celeste C. Vieira	19	19,9
Maria do Carmo Santos Pereira	22	23,5
Maria Luisa da Ascensão Monteiro	30	30,6
Maria Adelaide M. Esteves	25	26

Em resumo:

Aumentaram de pêso	123
Mantiveram o pêso	4
diminuíram de pêso	1

A esta relação de benefícios, colhidos pelos protegidos dos Cimentos Brancos há que acrescentar algumas notas para melhor se poder avaliar do trabalho e das dificuldades a que obriga a manutenção da Colônia.

A Colônia está apetrechada com o número de sanitários que os técnicos aconselharam para a população máxima. Apesar disto, é, por vezes, difícil conseguir que as crianças os utilizem porque não estão habituadas, algumas mesmo nunca os viram e, instintivamente, fogem deles. A tendência é recorrerem ao sistema - que usam nas suas terras - do ar livre. Apesar da vigilância apertada a êste respeito, pode, uma ou outra criança mais rebelde, iludi-la e, porque queremos um ambiente de asseio, há sempre um criado encarregado de fazer a limpeza precisa e de remediar as fugas à vigilância.

A Colônia recebe também crianças das povoações mais primitivas deste país com uma educação primária e de indoles mais diversas. Não custa, por isso, compreender a dificuldade de vigilância e de fiscalização para manter um mínimo de higiene e um mínimo de disciplina.

Crianças difíceis, deficientes, crianças conflituosas e agressivas, por vezes anormais, levantam problemas a cada instante. Ninguém supõe, é evidente, que todas as crianças da Colônia receberam os cuidados de boa educação, de obediência, de respeito como grande parte das que veem dos meios mais civilizados e que procedem e se comportam como os anjos que vieram passar 20 dias à beira mar ...

Citemos factos:

A um grupo que chega distribuíram-se 600 chapéus novos de palha. Uma hora depois, não havia um, sequer, inteiro porque arrancaram as abas e deixaram ficar a copa á maneira de boné.

O partir de louça assustava pelo prejuizo que acarretava; substituíram-se os copos, adquiriram-se 1.000 de plástico, a título de experiência; passado pouco tempo ficaram inutilizados nos bordos: quando se supunha que estavam a beber, estavam a roelos.

Os pratos de porcelana são muito pesados e cada refeição mobiliza mais de 3.000 o que representa um trabalho violento para as criadas; substituíram-se por pratos de plástico do tipo usual e americano e por malgas de plástico flexível: adquiriram-se 1.000; passado pouco tempo, estavam inutilizados porque as furaram no fundo

com os garfos !

E já agora ... também conto a V. Ex^ã.:

Joaquim Grilo Queimado, de 9 anos de idade, natural de Lisboa, residente em Vale Formoso de Cima, beneficiário dos Cimentos Brancos, fez uma queimadura pelo sol porque se expôs tempo excessivo e, por isso, ficou impedido de ir à praia durante uns dias; pois bem, de sociedade com Carlos Manuel de Oliveira e José da Silva Antunes subtraiu a uma criada 37\$50 e 27\$50 a um outro pequeno e um porta moedas que enterrou na areia. O Grilo Queimado é que tirava e distribuía pelo outros. A falta foi confessada por êles e fez a denuncia José Barreiros do Carmo quando ^{apareceu} num dormitório em identica actividade.

Muitas crianças procuram subtrair às outras as camisolas, lenços, cuecas etc. de maneira a sairem no fim do período com o seu enxoval melhorado ou enriquecido a ponto que é sempre necessário fazer a vistoria da trouxa de roupa de cada um no momento em que sai da Colónia.

Para que contar mais, se era um nunca acabar de factos que mostram a falta de preparação e de educação das crianças.

A quota parte da responsabilidade pertence aos pais e aos dirigentes das organizações, que, antes de ensinarem os direitos, deviam ensinar os deveres. Mas infelizmente, o problema tem estado às avessas.

O grande problema a resolver entre nós é o problema de educação.

Tem-se andado depressa de mais e a ânsia de actualização do movimento social tem causado perturbações de assimilação.

As crianças d'hoje não sabem, nem podem saber o futuro que as espera; os pais tem de as preparar e de as apetrechar a contar com a vida dura e não as iludir de que a vida será bela. Habitados ao menos bom, serão felizes com o bom, habituados ao bom facilmente serão vencidos pelo mau. As almas fortes fazem-se no trabalho e na adversidade.

Tudo isto serve para provar que numa Colónia, onde quatro refeições de comida á vontade, assistência médica e farmacêutica, roupas, lavagem e consêrto, pagamento de banheiro, desguste, destruição e desaparecimento de material, pessoal de serviço e vigilância custa 14\$00 por dia não pode distribuir os mimos, os

cuidados e os desvêlos, que muitas crianças teem em suas casas, mas prova também que a falta de exageros de cuidados, de desvelos durante 20 dias lhes não faz mal, nem à sua alimentação, nem à sua educação e preparação para a vida. Antes pelo contrário ...

Não se diga que dariam mais de 14\$00 se os tivessem pedido ...

A Colônia foi feita sobretudo para auxiliar e socorrer as crianças pobres, que não teem organizações de assistência ou previdência a protegê-las, as crianças da classe média, e sobretudo de trabalhadores do campo, tão desprotegidos e que tantas dificuldades atravessam.

Na Colônia houve filhos de funcionários públicos, de advogados, de médicos, de professores do liceu e de escolas técnicas, que, mercê da sua situação económica e da falta de protecção, estavam e estão impossibilitados de dar uma cura heliomarítima aos filhos; pois V. Ex^{as}. não desconhecem, por certo, o que representa em viagens, em renda de casa, em alimentação, em roupas, etc., uma estadia na beira mar duma criança, que, não podendo estar só, obrigaria a família a deslocar-se, durante 20 dias.

Conheço as instalações da Foz do Arelho e a organização que ali funcionou sob a direcção do Meu Particular Amigo Conego Galamba.

A vida duma Colônia como a Colônia da Figueira não pode agradar a todos.

Nunca o pretendemos, porque não pretendemos o impossivel e, a confirmar êste ponto de vista, em contraste com os reparos de V. Ex^{as} nos enviou, podia transcrever agradecimentos dos vários organismos que para ali mandaram crianças durante o ano e até ao mesmo tempo que a Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos.

Assim, permita V. Ex^a que transcreva duma carta: "
..... e, respondendo, damos, com o nosso profundo reconhecimento, a nossa inteira concordância, na certeza de que havemos de continuar, persistente e vivamente, com as nossas relações em anos futuros, acertando o passo nesta benemérita missão de bem fazer."

Doutra carta: "..... crianças que, a expensas desta Empresa, estagiaram na Colônia Balnear Infantil Doutor Oliveira Salazar, na Gala, de 11 a 30 de Agosto último, mais uma vez podemos registar, com suma satisfação, os admiráveis benefícios que para todos resultaram da permanência que lhes foi proporcionada à beira mar.

Continuamos a verificar que os serviços da Colônia merecem o

mais justo aprêço, e é com prazer que desejamos realçar êsse facto junto de V. Ex^a.; salientando, sobretudo, a lhaneza, os cuidados e a delicadeza com que o respectivo encarregado, Sr. Marques da Costa, procurou resolver todos os problemas ligados com a nossa caravana e, de modo particular, registamos as atenções dispensadas às funcionárias que para alí destacamos com o objectivo de colaborar na vigilância e assistência aos nossos protegidos e que possibilitaram o desempenho da sua tarefa."

Agradeço e retribuo a V. Ex^a ês melhores cumprimentos.

A Bem da Nação

Coimbra, 4 de Novembro de 1958

OPRESIDENTE DA JUNTA DE PROVINCIA

a) Bissaya Barreto)